



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

CEIA DO SENHOR / SANTA CEIA / EUCARISTIA –

A UTOPIA DE JESUS EM NOSSOS DIAS

Eucharist/ Communion/ Lord's Supper – The utopia of Jesus in our days

Cláudio Carvalhaes¹

Resumo:

A Ceia do Senhor/ Santa Ceia/ Eucaristia é um dos rituais mais poderosos da fé cristã. Neste artigo, tento ampliar a compreensão desta refeição que deu forma e conteúdo à religião cristã para o nosso tempo. Para isso, eu apresento essa Ceia como um evento global na vida do mundo e considero algumas condições sociais e comunitárias como fortes características dessa refeição. Com essa informação, eu atravesso o Novo Testamento para ver o que estava acontecendo no início da igreja. A partir do desenvolvimento de alguns aspectos fundamentais da refeição eucarística para o nosso tempo, considero as possíveis relações entre Eucaristia e socialismo, associando esse ritual cristão com a visibilidade social e contra a humilhação social. Eu termino usando Clarice Lispector que disse que "*o amor é pão partilhado entre estranhos.*"

Palavras-chave:

Refeição Eucarística. Igreja Primitiva. Vida Comum. Socialismo. Visibilidade Social. Humilhação Social.

Abstract:

The Lord's Supper/ Communion/ Eucharist is one of the most powerful rituals of the Christian faith. In this chapter, I try to expand the understanding of this precious meal for our time. In order to do that I introduce the meal as an overarching event in the life of the world and consider some communitarian, social conditions, as strong characteristics of this meal. With that information, I go through the New Testament to see what was happening at the beginning of the church. After that I develop some fundamental aspects of the Eucharistic meal for our time considering the possible relations between Eucharist and Socialism, associating this Christian ritual with social visibility and against social humiliation. I finish mentioning Clarice Lispector a Brazilian writer who said that "*love is bread shared among strangers.*"

Keywords:

Eucharistic Meal. Early Church. Common Life. Socialism. Social Visibility. Social Humiliation.

¹ Cláudio Carvalhaes, Doutor em Liturgia e Teologia pelo Seminário Teológico União em Nova York, é Professor Associado de Liturgia e Homilética no Seminário Teológico McCormick em Chicago, nos Estados Unidos. Contato: www.claudiocarvalhaes.com; carvalhaes1@gmail.com

“Se quiser realmente fazer um amigo, vá até a casa de alguém e coma com essa pessoa... Quando as pessoas dão da sua comida, dão também seus corações.”

César Chávez

“Se quiseres viver num lugar bom onde não há fome, Agora, aqui neste lugar mau, partilha o pão com o faminto.”

Santo Agostinho de Hipona

“Dá-nos o pão Monsanto de cada dia... pois eles querem o reino, o poder e a glória... 'Venha o meu reino', diz o capital.”

Nancy Cardoso Pereira

‘A humanidade se divide em dois grupos: o grupo dos que não comem e o grupo dos que não dormem por temerem a rebelião dos que não comem.’

Josué de Castro

*“Não há mais uma guerra contra a fome neste país.
Não há mais uma guerra contra a pobreza.
Há uma guerra contra os que têm fome.
Há uma guerra contra os pobres.”*

Rev. David R. Henson

“Se esta quiser ser uma nação cristã que não socorre o pobre, ou temos que fingir que Jesus era tão egoísta quanto nós somos, ou temos que reconhecer que Ele nos ordenou que amássemos incondicionalmente o pobre e servissemos ao necessitado, e admitirmos que não queremos obedecer ao mandamento.”

Stephen Colbert

“A Eucaristia nunca pode ser compreendida se a isolarmos da economia e ética.”

Nathan Mitchell

Introdução

O que amamos quando participamos do sacramento eucarístico? Como amamos a Deus e uns aos outros quando compartilhamos a refeição do reino de Deus?

A refeição do reino de Deus é um milagre admirável, um mapa para o viajante, um porto de chegada em segurança para o que estava perdido, um lugar de descanso para o peregrino, um bálsamo de Gileade para o ferido, um espaço acolhedor para o estrangeiro, comida para o faminto, bebida para o que tem sede e canja para o doente, abraços de afeto e palavras de carinho para o abandonado, um beijo para o pária, ânimo para o desencorajado, um local tranquilo onde o corpo pode se reconectar com a alma, um farol que ilumina o caminho para os que se perderam na noite escura da alma, um porto para quem quiser chegar e descansar, uma celebração sem fim da vida, um carnaval para o corpo, uma proclamação desavergonhada de que um novo mundo é possível e que se oferece aqui mesmo, uma promessa de vida nova em nossos

corações, uma banda que passa pelas ruas da cidade anunciando a chegada daquele que viria e está tocando no nosso quintal, um rebuliço de felicidade que a gente nunca sentiu antes, uma carícia suave naqueles cujo rosto foi desfigurado por fogo, acidentes, ou ácido, uma mão segurando firme a mão dos que estão desfalecendo, um abraço que abriga as crianças que correm em meio das balas do tiroteio, um grito de glória e aleluia para o mundo, um palco onde dançam os anjos caídos, uma lágrima de alegria e palavras que imploram pelo perdão para aqueles que não foram aceitos à mesa por causa da sua sexualidade, um lugar onde a mãe infértil dá à luz, onde a criança e o velho têm sonhos, uma prisão com as grades escancaradas, pessoas passeando livremente de mãos dadas com quem amam, visibilidade para aqueles que vivem nas sombras da sociedade, um trabalho para ganhar o pão para a família, um momento em que medo e ansiedade são substituídos por amor e confiança, escola para todas as crianças da casa, cuidados médicos universais, perdão dos pecados, sorrisos em todo lugar, justiça restaurativa, cura para todos, música de todo tipo para cantar e dançar, uma casa inter-religiosa onde a diversidade é necessária, um abrigo com um endereço de verdade onde qualquer um pode morar e receber ali sua correspondência, um lugar onde podemos ser encontrados, cuidados, alimentados, vestidos, abrigados, protegidos, curados, e renovados. No nome, paixão, morte e ressurreição de Jesus.

O sacramento da Eucaristia é um desses eventos sociais/religiosos que carregam o germe de mudanças e transformações profundas; um reservatório que armazena o potencial de um mundo novo em que a igualdade não só é possível como também é a única forma de vida. O ritual eucarístico é um convite para todos vivermos em comensalidade, apreço, cuidado e amor mútuos. O sacramento destrói qualquer império ou sistema político que tenta encurralar o pobre. Compartilhar a vida derruba reis, presidentes e poderosos do mercado, demole poderes absolutos e mantém uma abordagem crítica a qualquer poder constituído. Essa refeição proporciona uma boa medida daquilo que a vida deve ser. Toda vez que se parte o pão e se partilha o vinho, ouvimos o chamado para, de braços dados com o pobre, lutar contra os poderosos! Essa mesa é memória e testemunho da glória e majestade de Deus e é posta para todos, mas sobretudo para o pobre. O rico vem em seguida, depois do pobre ter sido servido, e assim será até que ninguém mais seja pobre. Isso porque essa mesa pertence a Jesus, aquele que se importava verdadeiramente com o pobre e os invisíveis, e os amou até o fim. Assim, ao redor, sobre, embaixo, e nessa mesa, continuamos a vida, a paixão e o ministério de Jesus, amando os mais fracos. A Eucaristia é essa performance pedagógica na qual, lembrando Jesus, todos nós aprendemos como amar mais e melhor. Definitivamente, é um evento feito de louvor, amor mútuo, honra, perdão, e vida renovada.

Primeiros testemunhos da fé cristã

A memória perigosa de Jesus, que hoje nos alimenta nas celebrações ao redor das mesas eucarísticas, é a mesma memória que deu vida aos cristãos da igreja primitiva. Atos 2 conta que essa nova comunidade nasceu do Espírito Santo cujos membros foram capazes de caminhar, não sem provações, compartilhando tudo o que tinham. Esta era a tradição dos primeiros cristãos. Com eles, aprendemos que viver a fé cristã é organizar a vida em comum a partir de relacionamentos apropriados. Em Deus, relacionamentos pessoais e sociais se misturam, e tudo está intimamente relacionado ao ritual da refeição comunitária, do compartilhar dessa mesa. A *Didaquê* do século primeiro diz:

Compartilhe tudo com seu irmão. E não: 'isso é uma propriedade privada.' Se você for capaz compartilhar o que é duradouro, você estará ainda mais disposto a dividir aquilo

que é transitório... e no dia do Senhor, se juntar à comunidade para partir o pão e dar graças. Mas antes, confesse seus pecados, para que o seu sacrifício seja puro. Ninguém que tenha uma desavença com seu irmão poderá se reunir com vocês, pelo menos não até que tenham se reconciliado.²

Vemos São Basílio, 330-379, sendo bastante duro com os ricos:

Os ricos tomam o que pertence a todos, e reivindicam o direito à posse, ao monopólio do bem comum [...] O que impede você de doar seus bens agora? Não está o pobre aí? Não estão seus armazéns abarrotados? A recompensa já não lhe foi prometida? O mandamento é claro: o faminto está morrendo agora, os que estão nus estão com frio agora, e o endividado é açoitado neste instante, e você quer esperar até amanhã? 'Não estou fazendo nada de mal', você diz! 'Quero só manter o que é meu, é só.' Você é como aquele que se senta num teatro e mantém todos os outros de fora, dizendo que o que é para todos é para o seu uso individual... Se todos pegassem só aquilo de que precisam e dessem o resto aos necessitados, não haveria pobres e ricos. Afinal, você não veio a este mundo nu, e não retornará nu à terra? [...] O pão na sua despensa pertence ao faminto; o casaco sem uso pendurado no seu armário pertence ao homem que precisa dele; seus sapatos estragando nas caixas pertencem ao homem que não tem calçados; o dinheiro que você guarda no banco pertence ao pobre. Você faz o mal a todos os que poderia ajudar, mas não ajuda.³

Ele sabia que a vida de excessos não aparentava ser algo mau, mas que este modo de vida era verdadeiramente prejudicial aos outros. Os desafios aqui propostos não são fáceis, já que representam uma proposta radical, sem espaço para racionalização e justificativas. Seguir a Jesus nunca foi fácil, e continua desafiando nosso próprio modo de vida. O estilo de vida dos cristãos primitivos era tão poderoso que Aristides, um não-cristão, atestou e defendeu os cristãos frente Adriano, dizendo:

Os cristãos amam uns aos outros. Eles nunca deixam de ajudar as viúvas; eles salvam os órfãos daqueles que querem lhes fazer mal. Se um homem tem alguma coisa, ele a entrega para quem não tem nada. Se eles veem um cristão estrangeiro, levam-no para casa felizes, como se fossem irmãos de verdade. Eles não se consideram irmãos no sentido usual, mas sim irmãos através do Espírito, em Deus. E se eles ouvem dizer que um deles está na prisão, ou sendo perseguido por professar o nome do seu redentor, eles trazem tudo o que essa pessoa precisar. Se possível, pagam sua fiança. Se um deles é pobre e não há comida sobrando, eles jejuam vários dias para darem ao pobre a comida... Isso é verdadeiramente um novo tipo de pessoa. Existe algo de divino neles.⁴

O que deixou Aristides impressionado com os cristãos foi o modo como eles tratavam as pessoas. Para ele, isso só podia ser explicado pelo fato de que *existia algo de divino neles*. Os cristãos viviam pelas obras! Pela graça de Deus! Obras graciosas em prol dos mais fracos, em todos os aspectos, custasse o que custasse!

Vemos também que São João Crisóstomo foi duro com os cristãos ao lembrar-lhes sobre o cuidado que deviam ter uns com os outros:

² DIDACHE: *The Teaching of the Twelve Apostles*. Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/didache-lake.html>>. Acesso em: 29 jul. 2015. Capítulo 4. (Tradução do autor).

³ Saint Basil apud: BALASURIYA, Tissa. *The Eucharist and Human Liberation*. Eugene: Wipft&Stock, 2004. p. 25-26. (Tradução do autor).

⁴ BALASURIYA, 2004, p. 26.

Vocês querem honrar o Corpo de Cristo? Não o desprezem quando ele estiver nu. Não o honrem aqui dentro do prédio da igreja vestidos em seda apenas para negligenciá-lo lá fora, quando ele estiver sofrendo com o frio e a nudez. Porque aquele que disse, 'Este é o meu corpo', é o mesmo que disse 'Você me viu quando eu estava faminto e não me deu de comer.' De que serve forrar a mesa de Cristo? Alimente o faminto, e então volte e enfeite a mesa. Você está fazendo um cálice de ouro e não é capaz de dar um copo de água? O Templo do corpo do seu irmão em sofrimento é mais precioso do que este Templo (a igreja). O Corpo de Cristo se torna um altar para você. Ele é mais santo do que o altar de pedra na qual você oferece o santo sacrifício. Você pode contemplar esse altar em qualquer lugar, na rua e nas praças.⁵

Continuando, vemos São Bernardo também dizer, na Idade Média, a mesma coisa, mas agora contrastando a pompa das catedrais com os pobres. Ele conhecia bem a estrutura do movimento monetário: "Portanto a riqueza é extraída com riqueza, pois dinheiro traz dinheiro... Oh vaidade das vaidades, embora mais insana do que vã! A igreja resplandece nas suas paredes, mendiga com seus pobres. Ela veste suas pedras em ouro e deixa seus filhos nus".⁶

É como se ele estivesse falando conosco hoje: a igreja de Jesus Cristo é capaz de gastar milhares de dólares em vitrais e ar condicionado para os seus prédios, mas não se importa com os que têm fome, nem tem vergonha em deixar os mendigos no frio dormindo em ruas perigosas, enquanto os prédios das igrejas ficam fechados durante a semana.

Contudo, hoje também vemos uma nuvem diferente de testemunhas ao redor do mundo, igrejas de testemunhas que se importam uns com os outros. Menciono aqui apenas um exemplo contemporâneo em uma cidadezinha do Brasil. Uma igreja da Assembleia de Deus de 200 membros está usando o dinheiro dos dízimos e ofertas para comprar terrenos e construir casas para as pessoas socialmente vulneráveis da região. O critério, de acordo com o pastor da igreja, Fábio Mendonça, é simples: o que o povo precisa. Andréa Silva Rocha, uma das pessoas que recebeu uma casa, disse: "Cuidaram de mim quando eu mais precisava. Agora eu tenho a segurança de ter uma casa". O projeto é conduzido pelo pastor e outros membros, que trabalham juntos para construir as casas gratuitamente. "Era assim: uma pessoa deu um milheiro de tijolos, outra doou duas pias, e assim por diante", explicou o pastor. "Tenho agora duas mulheres idosas vivendo no gabinete pastoral e na sala das crianças da escola dominical, esperando uma casa para morar." Durante a construção da casa, as pessoas cozinham e comem juntas, e suas vidas estão imbricadas, cada refeição sendo a eucaristia da outra. Eis um poderoso testemunho de ação de graças pelo texto de Atos 2, no qual o compartilhar das vidas e das coisas era realizado na sua plenitude.⁷

Como se vê, não é porque algumas pessoas não respeitaram essa maneira de viver nos primórdios do evangelho que devemos abandonar o projeto de compartilhar nossas vidas e nossas posses. Abandonar o projeto inicial da igreja é abandonar o evangelho de Jesus em favor do nosso conforto. Talvez não estejamos fazendo mal a ninguém, mas devemos ouvir novamente São Basílio sobre o que está em jogo nessa fé. Não podemos culpar o pecado e dizer: "nunca vou conseguir fazer isso, então deixa para lá." O aspecto pecaminoso, falido, perdido da nossa

⁵ São Crisóstomo apud: BALASURIYA, 2004, p. 26-27.

⁶ São Bernardo apud: BALASURIYA, 2004, p. 27.

⁷ O CIDADAO RJ – o portal de notícias da Região dos Lagos. *Araruama*: Igreja investe dízimos e ofertas na construção de casas para membros sem moradia. Disponível em: <<http://ocidadaorj.com.br/site/2013/08/22/igreja-investe-dizimos-e-ofertas-na-construcao-de-casas-para-membros-sem-moradia/#ixzz2dNBWZKKJ>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

humanidade não nos impede de pregar e viver o evangelho. Temos a graça de Deus que nos capacita a fazer mais do que pedimos ou pensamos! A graça de Deus é tudo o que precisamos. Marx acreditava que o proletariado poderia transformar o sistema. Freud acreditava que a psicanálise poderia transformar as pessoas. Che Guevara, Rosa Luxemburgo, Gandhi e muitos outros acreditaram em uma nova sociedade, mesmo sem necessariamente terem acreditado na graça de Deus. Mas nós cremos! Com ou sem Marx e Freud, Che Guevara, Rosa Luxemburgo e Gandhi, nós podemos! Com eles, contudo, podemos fazer melhor! Com a graça de Deus, podemos fazer mais com as nossas teologias do que apenas alimentar os pássaros.

O que a Eucaristia tem a ver com o nosso tempo? Comunhão e Vida Comum

Considerando o mandamento de Jesus: "Fazei isso em memória de mim", podemos considerar as compreensões e práticas do sacramento da Eucaristia pela perspectiva do pobre, dos mendigos e dos socialmente invisíveis. Em algumas tradições muito bonitas, brada-se "lembre-se do pobre" no final do culto, antes de partir. Que coisa poderosa! Mas que a gente brade "lembre-se do pobre" no início do culto e, a partir desse brado, organizemos nossas práticas litúrgicas, cantos e orações, leituras bíblicas, pregações e compreensões teológicas para o nosso culto. Por que o pobre? Porque à mesa relembramos aquele que era pobre, aquele que disse que fazemos por ele tudo o que fizemos pelos pobres e pelos socialmente invisíveis. Portanto, precisamos encontrar uma maneira de responder às questões da pobreza e exclusão dos nossos dias, e tentar reconfigurar o sacramento, bem como o nosso mundo desconfortável, assustador, perturbador, angustiante. Assim, estaremos praticando a liturgia da igreja, a liturgia do próximo, e a liturgia do mundo.

Só nos Estados Unidos, 49 milhões de pessoas passam fome todos os dias.⁸ Seus gritos, que se somam aos de dois terços das pessoas do mundo, sobem aos céus e, embora pareçam não ser ouvidos pelo terço restante do mundo, são ouvidos por Deus. As Nações Unidas dizem que mais de 800 milhões de pessoas passam fome todos os dias e que 40% da população mundial (2,8 bilhões de pessoas) vivem abaixo da linha da pobreza. Quase a metade do mundo não tem acesso a saneamento básico. Os países industrializados, que contam com menos de 20% da população do mundo, consomem 80% de todos os recursos naturais. Pior ainda, os três indivíduos mais ricos do mundo têm mais dinheiro do que 48 países juntos! Isso significa que 3 indivíduos têm mais dinheiro do que 600 milhões de pessoas! Os números da desigualdade não param por aí: as 257 pessoas mais ricas do mundo têm, juntas, mais dinheiro do que 40% de todo o mundo. O secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, e muitos outros, afirmam repetidamente que nosso modelo socioeconômico está falido e não pode ser sustentado por muito mais tempo. A agricultura, por exemplo, está usando 70% da água potável disponível no mundo para produzir comida, e há comida suficiente para alimentar toda a população mundial. No entanto, o uso da água, da terra, dos recursos naturais, bem como a distribuição dessa comida, é profundamente desequilibrada.

Todos esses números despencam em nossas mesas / altares eucarísticos. Ao recitarmos no *Sursum Corda*: "O Senhor esteja convosco", o grito dos famintos interfere nesse diálogo clamando por alguma consistência entre a linguagem teológica litúrgica, a proposta da mesa, e a maneira pela qual organizamos nossa sociedade. A comida dessa mesa e a forma como comemos

⁸ A PLACE at the Table. Produção de Kristi Jacobson e Lori Silverbushpor. New York, Magnolia Pictures, 2012. 1 DVD. Livro: PARTICIPANT MEDIA; PRINGLE, Peter (Ed.). *A Place at the Table: The Crisis of 49 Million Hungry Americans and How to Solve It*. New York: PublicAffairs, 2013.

não estão isoladas da maneira pela qual organizamos o mundo. O que o sacramento da Eucaristia pode nos ensinar sobre um mundo onde as pessoas têm que lutar por igualdade? O que este sacramento pode nos ensinar sobre um mundo mais sustentável? Como a eucaristia pode nos ajudar a encontrar formas de interferir nessa trágica situação, no nome do amor de Jesus?

A transcendência/imanência da Eucaristia e do Batismo deve desafiar aquilo que nossa cultura quer fazer transcendente. Por exemplo, o agronegócio quer transcender qualquer lei ou regulamentação referente aos limites da terra. Do mesmo modo, os homens querem dominar os corpos das mulheres, como se as mulheres devessem apenas ouvir e aceitar os argumentos masculinos. Essas "vontades de poder", essas vontades de poder transcendente, precisam ser contestadas, e os sacramentos podem nos ajudar a estabelecer limites. A sacralidade da comida na mesa e da água nas nossas pias batismais fará com que os poderes constituídos sejam bem imanescentes, ou seja, prontos para serem tomados por nós e transformados *pelo povo*, que irá assumir o controle! Os sacramentos contêm um severo *ai* para os poderosos dos nossos dias. Os sacramentos exigem que se honre o corpo das mulheres e as decisões tomadas a partir das vozes das mulheres. Eles gritam *ai* para as empresas gananciosas que roubam a terra do pequeno produtor rural, que alteram a genética da nossa comida, que transformam nossa comida em combustível, que destroem a biodiversidade do nosso ecossistema e afirmam que este é o único jeito possível. Nós dizemos não! E continuamos: Na criação, Deus estabeleceu um tempo para o solo descansar e um tempo para produzir, um tempo que não podemos acelerar, e uma terra que não podemos explorar excessivamente. A Eucaristia, aliás, tem raízes profundas na terra e vigia o seu uso, contra as monoculturas e o consumismo além dos limites do planeta. A comida que comemos juntos precisa ser preparada do jeito certo, e os relacionamentos ao redor dessa mesa devem ser apropriados. Portanto, os sacramentos têm padrões elevados no que se refere aos modos de produção e aos modos de distribuição de quaisquer bens.

Como diz Nancy Cardoso, "a mesa do Senhor enfrenta problemas para conectar o pão da comunhão com as palavras de Jesus: 'este é o meu corpo.' Ela também se bate para conectar esses dois componentes aos lugares onde não há pão e às situações nas quais trabalhadores produzem o pão que comemos." Ela continua descrevendo como nosso pão eucarístico está ligado a outras companhias:

Os seres divinos que estão competindo para trazer 'o nosso pão de cada dia' às nossas mesas se alimentam não só do total controle dos processos de produção e distribuição de alimentos, mas também devoram os modos de consumo representadas pelos dinâmicos restaurantes de fast-food. Hoje, o comércio mundial de produtos agrícolas — sobretudo de cereais, carne e laticínios — é controlado por não mais do que oligopólios de vinte grupos de corporações transacionais sediadas nos Estados Unidos e Europa. 'O pão nosso de cada dia dai-nos hoje, ó Monsanto, Cargill, Swift, Anglo, ADM, Nestlé, Danone, Syngenta, Bunge'!⁹

Enriquecemos a família Welch usando o suco de uva que eles produzem nas nossas ceias. Nossas mesas sagradas estão associadas aos supermercados onde compramos nossa comida, ou aos restaurantes onde comemos.¹⁰ Precisamos nos preocupar mais com os modos de produção e

⁹ Informação coletada na palestra de Nancy Cardoso Pereira, "Empire and religion: gospel, ecumenism and prophecy for the 21st century," proferida na IX Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas. Brasil, fevereiro de 2006. Não publicada.

¹⁰ SHATKIN, Elina. *Behind the Kitchen Door: ROC-LA Report Reveals Restaurant Industry Inequality*. Disponível em: <http://blogs.laweekly.com/squidink/2011/02/behind_the_kitchen_door_roc-la_report_reveals_restaurant_industry_inequality.php>. Acesso em: 28 jul. 2015.

distribuição, e com a legislação que organiza tudo isso. Da terra à mesa eucarística, quem é afetado? Quem é dono da terra e das sementes, quem está plantando e colhendo? Quem está distribuindo a produção ou vendendo os produtos no varejo? Mesmo o protecionismo das leis econômicas da agricultura dos Estados Unidos e dos acordos da OTAN não pode contornar a nosso comer do pão e beber do vinho.

Sim, a Eucaristia e o batismo dizem respeito aos relacionamentos pessoais e sociais apropriados, e sobre como podemos consertá-los! O ritual da Eucaristia nunca é um evento individual, mas sim uma ação coletiva, um movimento do amor de Deus em direção a um mundo novo. O ritual cristão da refeição comunitária nos ajuda a resgatar uma linguagem social: comunitário, coletivo, povo, unidade, solidariedade, e assim por diante, um vocabulário que vai além do privado, do "eu, eu, eu" da nossa cultura, e reestabelece palavras como comum, pertença, compartilhamento, ser guardião um do outro, e assim por diante. Na fé cristã, nada se faz sozinho. Essa fé é fundamentalmente uma fé coletiva, de muitos, de grupo, localizada em lugares sociais específicos. O critério da presença de Jesus é simples: "Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles."¹¹ Cristo também vive numa comunidade: a trindade. Nossa vida com Deus só é possível por causa do pertencimento social, em que cada indivíduo identifica-se com um grupo mais amplo de pessoas, que, no seu início, meio e fim, se trata de fazer parte de uma comunidade, do povo de Deus, da família de Deus, de toda a humanidade. "Ubuntu!", gritamos, eu sou porque nós somos e nós somos porque eu sou.

A Eucaristia nos obriga a considerar repetidamente que tipo de sociedade nós temos ou queremos ter; para isso, precisamos primeiro olhar para o modo como tratamos os pobres. Recentemente, tem havido uma guerra contra o pobre. A indústria crescente do complexo carcerário, por exemplo, é uma maneira de organizar a sociedade pela eliminação dos elementos indesejáveis: o desempregado, os doentes mentais, os sem-teto, os viciados, os imigrantes, e os analfabetos.¹² Como o governo é incapaz de prover aquilo que deveria prover, é mais fácil encarcerar e afastar essas pessoas. O pobre não pode ficar nas ruas porque há incontáveis leis e regulamentos que os proíbem de deitar nas calçadas, nos bancos das praças, etc. Somos evidentemente lembrados de Jesus, que declarou que não tinha onde reclinar a cabeça. Um relatório de duas instituições americanas, a Coalizão Nacional pelos Sem-Teto e do Centro Nacional de Legislação sobre os Desabrigados e a Pobreza, sobre "Proibições do compartilhamento de comida com pessoas desabrigadas", é perturbador. Ele afirma que "desde 2007, mais e mais cidades estão escolhendo criar leis contra os sem-teto, ao restringir as atividades de grupos e indivíduos que oferecem comida aos desabrigados em locais públicos ou privados."¹³

O Rev. David R. Henson afirma que "em todo o país, municípios e legisladores estão visando os sem-teto (e as pessoas que os ajudam) para prendê-los e removê-los do espaço público." É difícil acreditar, mas é verdade. O Rev. Henson continua:

¹¹ MATEUS 18.20. In: BÍBLIA de estudo Almeida. 2. ed. rev. atu. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. p. 41.

¹² ALEXANDER, Michelle. *The New Jim Crow: Mass Incarceration in the Age of Colored blindness*. New York: New Press, 2011. p. 25-36. Claramente, trata-se de uma sociedade que se organiza através de mecanismos para se livrar de algumas minorias. Os afro-americanos são menos de 13% da população dos Estados Unidos, mas representam mais de 50% da população encarcerada no país. Da mesma forma, latinos/hispânicos formam 15% da população americana, mas somam mais de 35% da população encarcerada. Os números são de: Snyder, Howard N. and Mulako-Wangota, Joseph. Agência de Estatísticas Judiciárias. Washington Press, 2013

¹³ THE NATIONAL COALITION FOR THE HOMELESS; THE NATIONAL LAW CENTER ON HOMELESSNESS & POVERTY. *A Place at the Table: Prohibitions on Sharing Food with People Experiencing Homelessness*. Disponível em: <http://nationalhomeless.org/publications/foodsharing/Food_Sharing_2010.pdf>. Acesso em 28 jul. 2015.

Agora é ilegal deitar-se no chão em várias cidades. Municípios tornaram ilegal oferecer comida aos desabrigados. Eles tornaram ilegal atos como sentar-se em parques ou bancos por longos períodos. Tornaram ilegal comer em espaços públicos. Eles mudaram os horários em que a grama dos parques é regada para molhar quem quer que esteja por ali depois que anoitece. Eles removeram e baniram todos os bancos em parques e praças. Eles proibiram que as pessoas peçam esmolas.¹⁴

Como afirma a organização *Food not Bombs (Comida, não bombas)*, “Comida é um direito, não um privilégio. Compartilhar comida com o que tem fome é um ato não regulamentado de bondade. Revoguem todas as leis que restringe a compaixão”.¹⁵ Como nos lembra vividamente o Rev. Henson:

Como cristão, sei que Jesus nos ensina que devemos dar comida ao faminto, acolher o estrangeiro, dar água ao que tem sede — os pequeninos à margem da sociedade. Mas ele vai muito mais além. Ele se identifica tanto com esses pequeninos que ele diz que cada vez que há um faminto, alguém com sede ou ostracizado, essa pessoa é o próprio Cristo. E se não compartilhamos nossa comida, nossa água ou nossa acolhida, então estamos rejeitando a encarnação de Deus neste mundo.¹⁶

Os pobres são excluídos dos lugares porque dizem que eles diminuem o valor das propriedades. No Brasil, só em São Paulo, mais de 30 favelas onde os pobres vivem foram incendiadas — incêndios criminais — para obrigá-los a abandonar o espaço, que ficou livre para a especulação imobiliária e construtores erguerem prédios caros, com imensos lucros.¹⁷ Além disso, houve também incidentes nos quais jovens incendiaram moradores de rua, e depois fugiram. Um indígena foi morto assim recentemente.

Os pobres são excluídos também das nossas mesas eucarísticas? Será que nós também temos regras que os impedem de vir e comer conosco? Quando vimos nos assentar à mesa, que tipo de sociedade estamos apoiando? Onde estão os pobres ao redor das mesas / altares? São estas as questões que nós, na ceia do Senhor, deveríamos estar sempre nos perguntando.

Eucaristia e Império

Quando pensamos / praticamos a Eucaristia a partir da perspectiva do pobre e sua invisibilidade social, precisamos saber que a praticamos / pensamos de dentro do coração do Império dos nossos dias. Esse Império define as leis globais, usa aparato militar, ameaça os que se mostram contrários a ele, cria estruturas de poder com polícias de protecionismo, não respeita as medidas internacionais para enfrentar os desafios ecológicos e controlar o mercado econômico. Além do mais, esse Império vive do sangue e do suor dos trabalhadores ao redor do globo e de imigrantes sem documentos, que fazem hora extra em situações desumanas ganhando muito

¹⁴ HENSON, David R. *Criminalizing Christ: The Love Wins Incident and the Nationwide Targeting of Homeless*. Disponível em: <<http://www.thegodarticle.com/state/-criminalizing-christ-the-love-wins-incident-and-the-nationwide-targeting-of-homeless>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

¹⁵ FOOD NOT BOMBS: defend our rights. Disponível em: <http://www.foodnotbombs.net/fnb_resists.html>. Acesso em: 28 jul. 2015.

¹⁶ HENSON, David R. *Criminalizing Christ: The Love Wins Incident and the Nationwide Targeting of Homeless*. Disponível em: <<http://www.thegodarticle.com/state/-criminalizing-christ-the-love-wins-incident-and-the-nationwide-targeting-of-homeless>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

¹⁷ CARVALHO, Igor. *O fogo contra as favelas*. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/blog/2012/06/o-fogo-contra-as-favelas/>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

menos do que o salário mínimo. Usando um nacionalismo estranho, o império nos ensina a odiar os trabalhadores, acusando-os de "infringir a lei" enquanto o mesmo império cria condições de trabalho ilegais para manter os trabalhadores "seguros" à sombra da lei, gerando lucros para os donos das companhias e limitando o preço da comida para não gerar inflação.

Esse Império controla tudo e oferece um falso senso de liberdade! O Império também usa a religião para nos dividir e evitar que nossa fé inspire / conspire escolhas e movimentos políticos. Além do mais, o Império nos vende uma vida que, cada vez mais, nos desconecta uns dos outros, de modo a eliminar nossa capacidade de lutar contra as injustiças.

Mais ainda, o Império cria uma cultura de darwinismo social e sobrevivência individual. O que o Império preza são os valores do heroísmo individual, que significa a diminuição da mudança social coletiva. Isso significa que as mudanças sociais se tornam dependentes do voluntarismo individual, ou seja, que alguém precisa começar um projeto para remediar alguma situação social aguda de desastre, e então esse indivíduo se torna uma celebridade por causa das suas boas ações. Neste sentido, o comprometimento social realmente transformador é combatido. Por outro lado, ajuda igrejas e organizações sociais a atenuar o desastre social e a se distanciarem de sua responsabilidade, que é de oferecer a possibilidade de que todos tenham uma vida plena. Ao sustentar essa forma de organização da sociedade, as ações sociais tornam-se dependentes da caridade ou da boa vontade. Os laços sociais se afrouxam, fazendo com que seja extremamente difícil para que os movimentos populares de base produzam mudanças mais amplas ou ganhem impulso. Ficamos então com um sentimento de que nós mesmos é que devemos lutar, individualmente, para descobrir nosso lugar ao sol. Logo, o mito da liberdade individual ganha autenticidade como um dos verdadeiros valores americanos, ao mesmo tempo em que permite que um punhado de pessoas controle a vida da população de um país inteiro.

Ao longo da história, a Eucaristia foi utilizada por vários impérios coloniais. Ela está ligada ao feudalismo, ao capitalismo e projetos coloniais que exterminaram povos e roubaram suas riquezas. Tissa Balasuriya, um sacerdote e teólogo do Sri Lanka, estabelece conexões muito importantes entre a Eucaristia, o capitalismo e a colonização. Ele diz:

Durante séculos, a espiritualidade da Eucaristia — de dar, e não tomar — foi sendo destruída. A Eucaristia andou de mãos dadas com a pior e mais abrangente extorsão que o mundo já viu. A tragédia da subordinação do cristianismo ao poder político europeu também foi uma tragédia da eucaristia. À medida que párocos e monges caminharam de mãos dadas com os colonizadores, a eucaristia foi profanada à serviço do império. A estreita aliança entre o imperialismo e a igreja... Portanto, não podemos ser ingênuos e aceitar como algo da fé qualquer crença ou prática eucarística em vigor em determinada época... Porque a Eucaristia havia se tornado um meio de ajudar os ricos do mundo (na Europa Ocidental). A missa perdera qualquer ligação com as dificuldades da classe trabalhadora explorada. Aliás, ela auxiliava na exploração; ela contribuía para a sua submissão mental.¹⁸

Nós pervertemos e diminuimos o poder e o significado do sacramento. A história nos conta que a igreja celebrou a comunhão em privado, e a ofereceu para a expiação dos pecados como se fosse um produto comercial. Vendemos aquilo que é mais precioso e sagrado para nós, e continuamos vendendo. Abandonamos a refeição comunitária em favor de uma estrutura hierárquica, e agora apenas algumas pessoas previamente autorizadas pode celebrar a eucaristia, enquanto os outros têm que se contentar em recebê-la. Esvaziamos o poder do próprio ato de

¹⁸ BALASURIYA, 2004, p. 36-37.

comer juntos, e o transformamos num pedaço minúsculo de pão com um gole de vinho; celebramos com um palavrório escrito pelas pessoas autorizadas, estudiosos e pastores intelectuais que preparavam um texto a partir de um contexto específico — geralmente na Europa ou Estados Unidos — e esperamos que todos ao redor do globo regurgitem as mesmas palavras escritas por esses sábios (geralmente) brancos, homens e heterossexuais.

Mesmo que tenhamos pervertido esse sacramento de diferentes maneiras, a ceia do Senhor continua a nos lembrar que, através da sua celebração, vemos a presença de Deus em nosso meio através de Jesus Cristo. Seja qual for a maneira, forma, formato ou ordem, o sacramento eucarístico é um reservatório inesgotável de libertação para o povo de Deus e, sobretudo, para o pobre, um deslocamento do Império para as mãos do pobre e dos leigos. O povo pode e deve celebrá-la da forma que acharem mais conveniente para a sua comunidade local, mantendo a tensão entre a riqueza da sabedoria do passado com o gosto escatológico do que está por vir, à medida que constrói um presente feito de justiça no qual Jesus é glorificado precisamente onde ele deve estar: no meio dos pobres.

Quando os sacramentos são representados a partir da perspectiva do pobre e em conexão com a palavra de Deus, somos chamados a converter e mudar nossos caminhos. Portanto, experimentar os sacramentos numa comunidade local é desfazer a glória maléfica do império e edificar, pela glória de Deus, igualdade e liberdade.

Assim, se a Eucaristia não é um movimento, um evento de glória e transformação social, um evento transformador que flui para a vida da comunidade local, um desafio ao egoísmo maligno da economia de mercado, um sinal de pare para as forças do mal que estão criminalizando o pobre, então estamos apenas brincando com Jesus como se Ele fosse um boneco na casa de bonecas de Deus, um boneco que obedece às nossas vontades e que encena um evangelho sem poder, uma fé sem efeito, enquanto gastamos rios de dinheiro conosco mesmos, um simulacro ridículo do movimento de Jesus.

Em muitos lugares, a vida no culto tornou-se uma proteção para a nossa zona de conforto, uma encenação de uma fé que pede (e nem pode pedir) nada de nós. No momento em que somos desafiados a ouvir o evangelho que nos chama à conversão, ouvimos as pessoas replicarem: "não me diga o que fazer", ou "você está indo longe demais". Certa vez, fui pregar para um grupo de pastores locais, e na mesa havia pirulitos vermelhos dispostos no formato de uma cruz. Para mim, era uma imagem muito reveladora do que fizemos com esse evangelho: a cruz, um símbolo de vergonha, morte, crueldade, revolução, ganhava sob o Império uma versão colorida e edulcorada.

Nosso evangelho é revolucionário, que nos impele a lutar pelos que estão invisíveis na sociedade, demolindo o muro entre o México e os Estados Unidos, tomando o poder dos políticos que só trabalham em prol de si mesmos, que mantêm a saúde como um bem acessível apenas à elite, e que negam abrigo ao pobre. Se não estivermos denunciando o império ocidental-branco-patriarcal-alta classe-heterossexual quando partilhamos o pão e o vinho, não estamos prestando atenção suficiente a este precioso e poderoso sacramento da mesa / altar.

É a partir dessa mesa, comprometida com e montada em meio aos pobres, que podemos pensar os sacramentos, nossa comunhão comunitária, nossa própria fé. É a partir desse lugar, em meio à fome e às barrigas vazias, ouvindo as vozes e o choro dos pobres, é que nossa fé e nosso ritual podem fazer sentido, que organizamos nossa crença e nosso comprometimento, e que criamos nossas liturgias. É aqui que aprendo como amar meu próximo como Jesus o teria amado, e só então percebo como adorar e honrar a Deus e respeitar minha fé. O livro de Atos, os

evangelhos, todo o Novo Testamento e muitos momentos históricos ainda nos lembram da nossa vida em comum, da nossa necessidade de compartilhar, da nossa solidariedade persistente, esperando uns pelos outros.

Agora, para lutar contra o Império, precisamos de uma fusão de universos e elementos culturais e religiosos diversos, da justaposição do estrangeiro com o nativo, do permitido com o proibido, do macho com a fêmea e o transgênero, do sagrado, do secular e o pós-secular e pós-sagrado, do próprio e do impróprio, do certo, do errado e dos matizes de cinza entre eles, céu e terra, boas e más teologias, dos pais da igreja primitiva com as mães da igreja contemporânea, do possível e do impossível. Nesse processo, viveremos na ambiguidade entre a coisa e a palavra, nos paradoxos entre coisas visíveis e invisíveis. Como resultado, encontramos uma totalidade nova de todas as tradições que vieram antes de nós, criando algo que não é nem velho nem novo. E ainda assim, haverá uma necessidade nunca satisfeita a ser descoberta pela reflexão e prática. Nessa nova e desajeitada metodologia, resgatamos o que estava perdido e perdemos o que pensávamos que deveríamos guardar. Mas prosseguimos através de multi-aculturações infundáveis da nossa fé sem medo. Ninguém pode nos domar! Nem a polícia da liturgia, nem os poderes constituídos!

Voltemos para os primeiros três séculos da era cristã em busca de orientação.

Novo testamento: uma refeição, uma refeição completa

Os evangelhos apontam sempre para a vida de Jesus em relação às pessoas, todos os tipos de pessoas. Imerso em sua cultura, ele fez críticas furiosas à injustiça e à opressão do Império do seu tempo. Constantemente, ele desafiou o Império, oferecendo uma nova vida a ser vivida em comunidade, onde cada um cuidava do outro. Ele pregou um Evangelho que deixava as pessoas furiosas, que as desafiava a conduzir seus negócios de uma forma diferente, que dava limites às posses individuais, que exigia que as pessoas dividissem o que tinham, que anunciava que sua mensagem iria causar divisão entre pessoas e famílias, uma mensagem tão poderosa que nem todos apreciariam. Seu Evangelho era muito radical: pedia nada mais do que a vida inteira dos seus seguidores. Para seguir a Jesus, não bastava encontrar-se com ele uma vez por semana: era preciso deixar tudo para trás, incluindo qualquer tipo de riqueza e família.

Foi esse *kerygma* e discurso perturbador, radical, profético, que o colocou em apuros. Era como se ele tivesse batido de frente com as grandes corporações, contra o mercado que explora o povo, os partidos que governam em benefício próprio, todos os que gritam ruidosamente sem qualquer cuidado com o outro. Ele acamparia perto do muro entre o México e os Estados Unidos, e permaneceria ali até que o muro fosse derrubado. Num compromisso holístico com a vida, ele envolveu cura pessoal e social, propôs um reino que mudaria o presente, o passado e o futuro, e denunciou o abuso econômico, social, político, religioso e de gênero do seu tempo. Esse Evangelho é tão difícil seguir hoje! Digo aos meus alunos que eu posso apenas aspirar ser cristão um dia, porque o que esse Evangelho pede é intenso demais.

Durante seu ministério, comer com seus amigos foi uma prática comum na vida de Jesus. Os evangelhos nos contam várias refeições de Jesus e seus amigos, e uma das razões é que comer junto era um evento social muito importante, com uma função social muito forte na sociedade. A Eucaristia, no início do cristianismo, era representada pela instituição social das refeições/banquetes no mundo greco-romano. Refeições, isto é, banquetes, em toda sua diversidade, não eram eventos sociais privados ou marginais: eles eram um elemento central dentro da estrutura da cultura do período greco-romano, que se estende de 300 a.C. até 300 d.C.

As sociedades greco-romanas, incluindo grupos de judeus e mais tarde de cristãos, eram forjadas ao redor dessas refeições, e juntar-se para comer e beber era um elemento importante na estruturação de uma sociedade bastante diversa porque providenciava um sentimento de coesão, de pertença, e de obrigação social. Como? Alguns dos aspectos do banquete e sua contribuição para a estruturação da sociedade:

Valores sociais. O banquete, enquanto instituição social, era responsável por manter um dos mais importantes laços sociais. As refeições reforçavam valores como justiça, igualdade e amizade, e borravam a fronteira entre secular e sagrado. Não havia separação entre secular e sagrado nos banquetes. Em quase todo banquete havia uma oração, música ou libação dedicadas a um deus. O que distinguia os banquetes religiosos dos outros banquetes era a ênfase no propósito do evento e os temas desenvolvidos pelos grupos sociais.

Anfitrião, local e convite. Um anfitrião convidava seus amigos para a refeição, geralmente em sua casa. A arquitetura da casa era centrada na sala de jantar, que era a mais ricamente decorada e a mais próxima da porta principal. Contudo, essas refeições podiam também acontecer nos templos e outros prédios. O anfitrião podia oferecer uma refeição por diversas razões: pela alegria festiva de comer com amigos, discussões filosóficas, celebração de aniversários, recebimento de uma honraria, casamentos, funerais, uma reunião de um grupo específico ou um sacrifício aos deuses. Convites orais e escritos eram geralmente distribuídos alguns dias antes ou mesmo na véspera do evento.

Convidados e posição. Geralmente, os banquetes eram eventos sociais onde pessoas do mesmo status social se reuniam para uma refeição em comum. Ainda que os temas dos banquetes variassem, eles eram ocasiões para reunir pessoas pertencentes a um mesmo grupo social. O compartilhamento do lugar, da comida e do tempo criava um forte vínculo social. Contudo, havia sempre uma hierarquia social em cada banquete: os hóspedes mais importantes sentavam-se à direita do anfitrião, e os menos importantes, à esquerda. Ainda assim, as fronteiras permeáveis dessa hierarquia permitiam que ela fosse quebrada com frequência. Não é incomum encontrar na literatura exemplos de hóspedes que não haviam sido convidados, ou atrasados, que perdiam seu lugar/posição para outro hóspede menos importante, ou até mesmo convidados que apareciam inesperadamente e tomavam o lugar do próprio anfitrião.

Espaço, acolhida, comer. Os banquetes geralmente aconteciam na sala de jantar da casa do anfitrião, onde nove convidados sentavam-se em sofás espalhados pela sala quadrada. Antes de se sentarem, o anfitrião fazia com que se lavassem as mãos e os pés dos convidados. A comida era servida em pequenas mesas, ou passava de convidado para convidado. Depois do primeiro prato (*deipnon*), limpava-se o chão para que os convidados pudessem degustar o segundo prato (*symposion*), quando se ofereciam bebidas (vinho misturado com água); havia também música ou uma discussão agradável sobre um tema pré-determinado. O simpósio durava de duas até quase quatro horas.

Problemas sociais. O banquete requeria não só etiqueta e boas maneiras à mesa, mas também tinha um forte componente ético. Segundo Smith, havia três principais "bases teóricas para a ética da refeição": koinonia, amizade, e prazer ou alegria festiva. Esses elementos não eram fortuitos ou componentes aleatórios próprios da instituição social do banquete, mas eram princípios éticos que serviam como estrutura não só da refeição em si, mas também do cerne da sociedade como um todo. Com esses padrões éticos, os banquetes tornaram-se um símbolo cultural que alimentava valores de "celebração, comunidade, igualdade", e fortalecia as estruturas de ligação da sociedade.

Esses elementos eram os costumes, instruções, limites e características centrais de uma "refeição adequada". Mais, esses elementos estavam presentes de alguma maneira em cada refeição, e variavam conforme a ênfase e as especificidades de diferentes grupos sociais. Assim, a noção predominante de que a Eucaristia cristã se originou a partir de um evento histórico singular criado por Jesus não é corroborada por muitas dos recursos que temos hoje. A refeição de Jesus com seus discípulos poderia ser definida a partir dessas estruturas da refeição, que foram absorvidas pela igreja primitiva. Portanto, as primeiras igrejas eram marcadas pelos valores sociais e pelas especificidades dos vários grupos sociais.

Comensalidade, acolhida radical, compartilhamento, koinonia, isonomia, amizade, alegria, todos esses elementos eram parte de uma refeição comunitária, coisas que podemos aspirar e que devem existir para que possamos recuperar a prática da refeição em comum. Agora, precisamos de mais do que isso. Nossa situação é diferente e temos que prestar atenção aos sinais do nosso tempo para reformar a refeição de acordo com os desafios sociais, econômicos, religiosos e culturais de hoje.

Eucaristia e socialismo

O frade dominicano brasileiro Frei Betto disse certa vez que o povo deveria chamar a polícia quando os cristãos celebram a Eucaristia, porque "eles estão questionando a ordem social, que não partilha o pão e bebe da mesma forma."¹⁹ Como se trata de um movimento religioso tão radical, um evento disruptivo como esse na vida da sociedade e para os planos do Império, os poderes constituídos deveriam mesmo se mostrar profundamente incomodados. Frei Betto continua dizendo que "a eucaristia é o mais socialista dos sacramentos da igreja porque celebra o compartilhamento dos bens da terra e do produto do trabalho humano".²⁰

Tissa Balasuriya, citado acima, escreveu o que é talvez o livro contemporâneo mais importante a respeito da Eucaristia. No entanto, devido à sua posição libertária, ele foi atacado e foi praticamente proscrito do campo litúrgico. Há uma razão para o fato de eu ter conhecido o trabalho de Balasuriya através de teólogos latino-americanos, e de quase nunca ouvir seu nome da boca de teólogos da liturgia oriundos dos Estados Unidos ou da Europa. As fontes "adequadas" para a teologia da liturgia nunca ou muito raramente vêm do hemisfério sul. Não obstante, Balasuriya, vindo de um país marginal (como pode alguma boa reflexão teológica vir do Sri Lanka?) estabelece uma forte associação entre Eucaristia e socialismo e libertação humana. Citando novamente a partir do seu livro:

De certo modo, a Eucaristia e a inspiração no socialismo estão intimamente ligados em suas fontes históricas. As primeiras sociedades eucarísticas foram aquelas que encorajaram uma forma de vida socialista. Isso em relação apenas à distribuição dos bens, e não ao modo de produção; ainda assim, tem sido uma fonte de inspiração para muitas ideias radicais surgidas posteriormente... A Eucaristia significa compartilhar. Ela também trouxe consigo aquilo que significava. O rito e a realidade estão intimamente ligados. O símbolo era para valer. Eles tentavam praticar aquilo que pregavam... Para Jesus, também,

¹⁹ BETTO, Frei. Eucaristia e Socialismo. IN: BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 41.

²⁰ BETTO, 1994, p. 41.

a Última Ceia, a Eucaristia primeira e inaugural, estava intimamente relacionada ao seu sacrifício pessoal.²¹

A interpretação da Eucaristia de Balasuriya é marcada pelo sacrifício pessoal, pelo compartilhamento em solidariedade, um ritual não só departamentalizado em um ritual à parte, mas um símbolo de como a vida deveria ser organizada como um todo. O sacrifício de Jesus foi nada mais do que dar sua própria vida. Ele associa amor com cuidado mútuo, e estabelece relações ou justaposições poderosas:

Já que o amor deve ser para todos, também se deve compartilhar com todos os outros. A Eucaristia é anti-individualista. Ela é incompatível com a filosofia da maximização egoísta do lucro por indivíduos ou grupos privados. A Eucaristia não pode coexistir com os imensos abismos entre riqueza e miséria. Isso seria um escárnio de Jesus e de sua mensagem. A Eucaristia não aponta um modo de produção ou uma forma de organização social. Mas ela exige compartilhamento eficiente em liberdade. Nesse sentido, a Eucaristia se encaixa melhor numa sociedade socialista efetiva. Ninguém deveria passar necessidade. Todas as coisas deveriam ser destinadas para atender as necessidades de todos. O sacrifício pessoal deve ter precedência ao egoísmo e à aquisição de coisas para proveito individual. Uma vez que a Eucaristia exige que vivamos para os outros, quão mais é exigir que trabalhemos por eles? Se nossa vida deve ser vivida pelos outros em verdade, amor e justiça, quão mais seria exigir que a propriedade seja de todos? Portanto, a Eucaristia enfatiza valores básicos que estão intimamente relacionados aos ideais e prioridades de um modo de vida socialista.²²

Na cultura dos Estados Unidos, a palavra socialismo é tão carregada de significado negativo que meramente pronunciá-la já cria um certo estigma. Sendo o estigma, o entendimento de que a pessoa é comunista, não é um "americano" de verdade, representa uma ameaça ao modo de vida americano, e assim por diante. Esses estigmas frequentemente servem para atacar alguém e encerrar a discussão. Dessa forma, ninguém tem permissão nem mesmo para explicar o que socialismo quer dizer. Aqui, estou usando a palavra para enfatizar o ato de compartilhar nossos bens e o produto do trabalho com a sociedade. No socialismo, somos todos responsáveis uns pelos outros, e, portanto, devemos todos ter acesso aos bens comuns — terra, água, comida e suas riquezas —, e providenciar acesso público e universal à saúde, educação, cuidados com os idosos, e atenção especial para aqueles incapazes de cuidar de si mesmos. Todos somos donos coletivamente e localmente daquilo que Deus tem nos dado.

Eis uma definição de socialismo que pode funcionar dentro da nossa fé cristã:

[...] é uma ideologia ou sistema de crenças sobre como a sociedade, e particularmente os meios de produção, devem ser organizados em prol do bem comum ao invés de uma minoria da elite... Em todos os casos, o objetivo da propriedade coletiva é forjar uma sociedade igualitária na qual indivíduos não sejam forçados a trabalhar usando as capacidades produtivas cuja propriedade é de terceiros, que se apropriam de uma parcela importante da riqueza produzida embora sua contribuição em termos de esforço tenha sido mínima.²³

²¹ BALASURIYA, 2004, p. 79-80.

²² BALASURIYA, 2004, p. 80-81.

²³ SOCIALISM. In: PARKER, Martin; FOURNIER, Valérie; REEDY, Patrick (Org.). *The Dictionary of Alternatives*. London and New York: Zed Books, 2007. p. 264.

A vida compartilhada à mesa nos ensina sobre uma sociedade onde pessoas se importam com pessoas, para que todos tenham uma vida digna. Quando deixamos que as fontes da sociedade permaneçam nas mãos de poucos, o desejo dessas pessoas define e controla o estado e as regras em benefício delas mesmas e de outros. Precisamos reconhecer a necessidade de nos preocuparmos com nossa "natureza pecaminosa" e nosso desejo de tirar vantagem, matar, destruir, abusar, e controlar para que só alguns tirem proveito. Se o privado tem precedência sobre o social, quando a luta de classes é uma forma de estruturar a sociedade, quando poucos se beneficiam do trabalho de muitos, estamos nos dirigindo para um estado de opressão, caos, desastre e morte. Fundamentados nos valores eucarísticos da fé cristã, nós lutamos contra isso. É preciso que haja um limite para todos na sociedade porque, sem um limite, a maior parte da riqueza estará na mão de 2%, e os outros 98% terão menos do que esta minoria; alguns terão demais, e outros vão morrer de fome.

Ainda que o capitalismo esteja associado com a própria essência do que é ser americano, esse sistema não é seu melhor aliado. Ao contrário, ele acabará matando o seu próprio povo, como já tem feito. A partir da fundação da Eucaristia, criticaremos qualquer forma de governo, estruturas econômicas ou relações de poder, sejam elas republicanas, democráticas, independentes, socialistas, comunistas, neoliberais, liberais, ou qualquer outra forma de poder constituído ou economia. O Evangelho não nos impede de ver os desastres do capitalismo e como ele está destruindo vidas em todo lugar. Como disse Frei Betto numa entrevista:

Todo mundo fala do fracasso do socialismo. É curioso porque ninguém fala do fracasso do capitalismo com dois terços da humanidade. Segundo as Nações Unidas, das 7 bilhões de pessoas no nosso planeta, 4 bilhões vivem abaixo da linha da pobreza. Portanto, não dá para dizer que o capitalismo tenha sido um sucesso. Já que ninguém escolhe a família ou a classe social em que nasce, a gente não deveria achar que teve sorte de nascer no terço mais rico da população. Ao invés disso, deveríamos considerar que temos uma dívida social com aqueles que não tiveram a mesma sorte. E lutar pelo fim dessa loteria biológica. Todo mundo deve nascer com pleno direito a ser feliz. Enquanto o Evangelho prega solidariedade, o capitalismo prega competição... Enquanto pregamos que para Deus não há nada superior ao ser humano, o capitalismo prega que a prioridade está no capital.²⁴

Além do mais, não é o caso de salvar o capitalismo, porque ele não pode ser salvo. Como afirmou Richard Wolff:

Não se trata de humanizar o capitalismo... não está funcionando... Não é possível dar uma alma para o capitalismo... Precisamos encarar esse fato... podemos criar programas, mas comida (e terra) se transformaram em mercadorias... outro mundo é possível. Vamos falar sobre o outro... vamos falar sobre isso... Não é um debate intelectual, é um debate prático... "Como servos de Deus, nós nos comprometemos com tudo... com o trabalho duro, no Espírito Santo... na glória e na desonra... em não possuir nada, mas dividir tudo."²⁵

Eucaristia e visibilidade social, contra a humilhação social

²⁴ UM MUNDO de ação, transformação e filosofia na prática. Entrevista com Frei Betto. [16 jun. 2013]. Rádio CBN, Rio de Janeiro, 16 jun. 2013. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/programas/caminhos-alternativos/2013/06/15/UM-MUNDO-DE-ACAO-TRANSFORMACAO-E-FILOSOFIA-NA-PRATICA.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

²⁵ WOLFF, Richard. *Fighting for Economic Justice and Fair Wages*. Disponível em: <<http://billmoyers.com/segment/richard-wolff-on-capitalisms-destructive-power/>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

Já foi dito que as últimas palavras de Lutero, escritas num pedaço de papel antes da sua morte em 18 de fevereiro de 1546, foram: "Somos mendigos. Isso é verdade." Que verdade para todos nós cristãos! Todos nós mendigamos a graça de Deus. O que fazemos com os mendigos socioeconômicos? Será que eles são diferentes de "nós", que mendigamos a graça de Deus, mas estamos numa condição social e econômica melhor? Aqui podemos aprender que a graça de Deus nivela todos nós, deixando-nos no mesmo ponto: todos mendigamos a graça de Deus, e nenhum de nós é melhor do que o outro, ninguém tem privilégios especiais e ninguém deveria mendigar o pão.

Deveríamos todos depender da graça de Deus para o amor e misericórdia, e para uma vida de justiça e dignidade. Pela graça de Deus, nosso trabalho de restauração da dignidade dos mendigos tem a ver com a boa administração dos nossos bens, e com a forma que as nossas igrejas utilizam seu dinheiro. Nossa exigência ética da prática da solidariedade impede o desaparecimento da vida. A vida social/econômica proposta por Jesus e presente na mesa eucarística carrega não menos do que um conjunto mais amplo de demandas e práticas sociais difíceis que encorajam uma vida de igualdade, justiça e solidariedade, também para o pobre.

Para darmos uma resposta aos desastres causados pela acumulação de riqueza, precisamos repensar a mesa de Jesus Cristo. Julio de Santa Ana, um teólogo leigo metodista uruguaio que ajudou a moldar o movimento ecumênico na América Latina, repensou o sacramento da Eucaristia entre os pobres. Em seu pequeno, mas precioso livro *"Pão, Vinho e Amizade"*, ele usa o trabalho de Balasuriya (citado acima) para relacionar Eucaristia à transformação social e à solidariedade com o pobre.

'Qual o sentido de cinquenta e dois ritos eucarísticos oferecidos a cada ano na cidade, se com essas celebrações não há redução alguma na distância que separa os ricos e suas mansões dos pobres nas suas favelas?' Quando a participação do sacramento não nos leva a nos unirmos com aqueles que sofrem, a Eucaristia perde seu sentido de unidade e se torna apenas um ato intelectual, idealista, sem consequências práticas.²⁶

Da mesma forma, de Santa Ana nos fala a respeito de outros perigos da Eucaristia:

Primeiro, quando o ritual se torna um formalismo rígido e priva as pessoas de liberdade e de participar dele com espontaneidade, a única coisa que sobre para o povo é assistir, fazendo com que o ritual seja um evento espiritual inautêntico; em segundo lugar, em sociedades com valores burgueses, a Eucaristia é um evento mais intelectual que não provoca qualquer mudança na sociedade... Terceiro, o desvio e o perigo do excesso de emocionalismo; e quarto, quando pressões sociais transformam o memorial de libertação numa forma de domesticar e oprimir os crentes. Não é segredo que esse sacramento foi manipulado por grupos dominantes (feudal, capitalista, racial, sexual, etc.) que tentaram modificar a prática eucarística segundo seus próprios valores e prioridades.²⁷

A Páscoa é um testemunho da glória de Deus, da salvação de Deus para o mundo, da vida, morte e ressurreição de Jesus que emite um convite permanente à libertação. À mesa, o Espírito se move em nós, fazendo com que nós acreditemos numa nova ordem mundial, nas boas novas para o destituído, que pode agora ser um participante ativo nesse ritual. Como diz Santa Ana:

A participação na mesa é a marca do Reino de Deus... O Reino de Deus pode ser comparado ao banquete onde o faminto fica satisfeito, porque tudo será compartilhado

²⁶ SANTA ANA, Julio de. *Pão, vinho e amizade*: meditações. Rio de Janeiro: CEDI, 1986. p. 20.

²⁷ SANTA ANA, 1986, p. 20-21.

entre os que tem e os que estão necessitados... A riqueza eucarística, como dizemos, se revela na prática da fé do povo de Deus. Quanto aos pobres — que na América Latina foram por longo tempo participantes de segunda classe da vida da igreja —, eles se aproximam da mesa como atores de primeira grandeza no desenrolar das lutas que levem ao reino de Deus, tornando-se cada vez mais esse imenso número de símbolos no ato sacramental instituído por Jesus.²⁸

Nossas práticas devem ser criadas e recriadas com o pobre ao redor da mesa, levando em conta aquilo que temos recebido e o que está à nossa volta. Nossas liturgias são, frequentemente, feitas por outros que não têm nenhuma experiência com a pobreza. Como disse Tissa Balasuriya, "quando os 'controladores' da teologia e da disciplina da igreja não tem nenhuma experiência concreta de opressão, é improvável que eles compreendam ou sequer ouçam os gritos das massas oprimidas".²⁹ Nossas orações eucarísticas seriam muito diferentes se fossem feitas por aqueles que têm fome ou que não têm onde dormir.

As orações eucarísticas devem ser recitadas junto com os movimentos dos corpos que sofrem, passam necessidade, são oprimidos, não tem voz, com todos nós respirando juntos, sendo desafiados uns pelas orações e práticas dos outros, pelas necessidades uns dos outros, de maneira que encontremos um jeito de apresentar um amor tão grande que não podemos compreender ou alcançar inteiramente.

Temos que recolocar o pobre, tanto dentro da linguagem sacramental como fisicamente ao redor da mesa. Sem o pobre, a celebração da Eucaristia é só um ritual vazio destinado a alimentar nossas vidas individuais com o selo de "vá em paz". Sem a presença do pobre, não há celebração de alegria, justiça, paz ou beleza. Sem o pobre, o sacramento é uma refeição privada daqueles que são donos do ritual, fingindo que se trata de um evento público e para todos. Sem o pobre, liberais e conservadores, igrejas litúrgicas e as que se chamam não-litúrgicas apenas alimentam a si mesmas numa autopiedade deprimente, embalada numa liturgia que serve o conforto material do capitalismo.

Mas não para nós! Nesse ritual, a igreja ilumina a vida daqueles que estão à sombra da sociedade. À mesa e ao redor dela, somos chamados pelo nome e oferecemos o alimento como se nós fôssemos importantes. Portanto, essa mesa/altar é como um farol que fornece presença, consolação, nome, endereço, local e dignidade para aqueles que eram o lixo do nosso sistema, os que são incapazes de produzir riqueza, aqueles que estão de fora do mercado, que não conseguirão produzir nada até o fim das suas vidas. A fé cristã tem tudo a ver com a reforma da humanidade das pessoas, enquanto o mundo quer arrancá-la. Para nós, a igreja, as pessoas são alguém, enquanto que para as nossas sociedades elas são ninguém. Refazemos as pessoas enquanto o mundo as desfaz, as desprezam, as quebram, desfazem os laços que as mantêm juntas, fazendo com que elas sejam menos, sem valor, cultura, beleza, como se não tivessem nada a oferecer. Isso é o que aprendemos com a igreja dos negros nos Estados Unidos, com suas batalhas contra a escravidão e no movimento dos direitos civis.

José Moura Gonçalves Filho, professor da Universidade de São Paulo, trabalhou a noção da invisibilidade pública e descreve assim a humilhação social:

A humilhação social corresponde à experiência através da qual perdemos um traço ou um sentimento de humanidade. Um traço de humanidade tem sua experiência interrompida.

²⁸ SANTA ANA, 1986, p. 24.

²⁹ BALASURIYA, 2004, p. 60.

Um impedimento que não é nem natural, nem acidental, mas aplicado ou sofrido por outros humanos... A humilhação social é o sofrimento infligido por um longo período, ruminado.³⁰

Ele continua dizendo que "cada cultura tem um sofrimento ancestral, repetido em muitas gerações em diferentes formas. Ele menciona os negros e os índios que perderam seus pertences, seus ritos, suas crenças, suas festas, e foram forçados a trabalhar, vivendo sob a dominação do outro".³¹

Essa forma de humilhação expõe as pessoas de várias formas: pessoas que perderam suas terras, que trabalham em subempregos ou que ganham apenas o mínimo para sobreviver; idosos preteridos aos jovens ou expostos por trabalhadores mais rápidos; mulheres interrompidas pelos seus pais, irmãos, maridos, professores e chefes; amantes expostos quando amam de uma forma que não se encaixa no que se considera aceitável; pessoas marcadas como loucas pela ciência, invalidadas pelas leis dos tribunais; crianças pobres e negras estigmatizadas como portadoras de deficiências intelectuais, efetivamente ineptas para funcionarem no sistema escolar.

"A dor do humilhado", diz José Moura,

[...] nunca é sua dor individual, porque nele/nela, a dor é uma dor antiga, já dividida entre ele/ela e seus irmãos e irmãs de destino. A dor que vem de fora, paradoxalmente, vai acertar lá dentro. A ação da dor neles é sentida antes da ação, antes mesmo que ela tenha sentido ou que eles tenham a chance de racionalizá-la. A dor precede o reconhecimento consciente, mais ainda que a dor que dura um longo tempo. O humilhado não sabe porque ele/ela chora, e o humilhado nunca chora por si, chora uma dor enigmática, uma dor compartilhada.³²

Estamos descrevendo um sistema que perpetua a humilhação e elimina a potencialidade de ação, qualquer resolução de mudança e combate. Como nos lembra Steven Biko, "a arma mais poderosa do opressor é a mente do oprimido."

A igreja, lutando em seu status de classe social particular, entende essa situação e capacita o subjugado, oferecendo equipamento simbólico e material para reformar os laços mais profundos do indivíduo. Os símbolos rituais e a vida em comunhão contém o bastante para ajudar as pessoas a se reorganizarem e a encontrarem um lugar melhor, uma forma religiosa de *re-ligare* (da palavra latina para religar, reconectar) o que foi perdido, auxiliando as pessoas a compreender o que está sendo comunicado, transferindo-as para longe da morte em direção à graça e ao amor. A igreja e sua vida em comunidade ajudam o povo a compreender, a encontrar sentido, raciocinar, uma ferramenta sócio-existencial que a humilhação social havia tomado. Ainda que as pessoas sejam incapazes de raciocinar claramente, a igreja ajudará, será testemunha, uma presença sólida para a cura e a transformação.

A igreja desfaz o império e as mensagens que diminuem as pessoas e criminalizam o pobre, e os controlam à base de gritos e vergonha. Em outras palavras, a igreja se torna um lugar social onde os humilhados se transformam no sujeito da sua própria história! Agora, pela fé, pela vida social vivida em comunidade, o pobre ganha uma maneira de organizar sua vida sem precisar se submeter a quem quer que seja. Agora, o presente, o passado e o futuro da sua vida estão nas

³⁰ GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação Social: Humilhação Política. In: PAULA SOUZA, Beatriz de (Org.). *Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 194.

³¹ GONÇALVES FILHO, 2007, p. 194.

³² GONÇALVES FILHO, 2007, p. 194.

suas mãos para construir um mundo novo. O poder é transformado, deslocado, tomado dos poderes constituídos e colocado nas mãos dos pobres.

O objetivo dos sacramentos é contestar socialmente o status de subalterno e remodelar a estrutura social do indivíduo e da sociedade. A partir dessa reconquista da vida, outros gestos e movimentos são possíveis. Uma vez que tenhamos sido recuperados para nos mesmos e para a sociedade, podemos nos distrair e relaxar e rir. Como — diz José Moura,

Podemos apreciar a aparência das coisas e cuidar de certas coisas não porque elas são necessárias, mas simplesmente porque são belas. Desejo de algo mais do que o simples consumo ou uso. Nós trabalhamos não só porque precisamos comprar comida ou utensílios, mas também para criar mundos, para criar culturas. Agir e praticar o inesperado, para interromper o funcionamento do maquinário natural e social das coisas, e viver hoje mais do que a mera repetição do ontem. Viver para além do imediato, para lembrar o que se foi, e para viver na esperança daquilo que ainda não existe. Para estabelecer um diálogo. Para se mover por temas políticos, para desfrutar a cidade, coisas que vão além dos limites da nossa casa. A hospitalidade vista como uma possibilidade real, a percepção e abrigo das pessoas consideradas únicas e inconfundíveis. Solidão, a capacidade de ficar sozinho e, como escreveu certa vez Clarice Lispector, a habilidade de 'ter loucura sem ser louca'.³³

Isso só é possível através do comprometimento que temos uns com os outros. Como afirma José Moura, "essas experiências de realidade e dignidade só são possíveis pelo testemunho do outro. Experiências que, quando narradas, só encontram sentido e efetividade ao serem ouvidas, quando elas entram na roda da conversa que implica pessoas no mesmo nível".³⁴ Eis porque a igreja, quando acolhe as minorias, quando expande seu círculo de tradições, quando se importa com o marginalizado, o pária e o necessitado, abre-se para essa possibilidade de igualdade na qual podemos encontrar maneiras de viver a vida mais plenamente.

Há muito por ser feito ao redor da mesa, ao redor das nossas pias batismais e nossos cultos. Há mulheres, crianças, imigrantes, forasteiros, gays, lésbicas e transexuais, os pobres e os doentes, todos aqueles que continuam a ser humilhados socialmente. Em nome de um evangelho de igualdade e amor abundante, somos chamados a promover mudanças e oferecer um espaço, antes de mais nada, dentro da igreja, para que possamos então ensaiá-lo e levá-lo à sociedade. Todos devem poder brincar, contar suas histórias e sentir-se vivendo a vida plenamente, porque esse evangelho não aceita nada menos do que a vida plena.³⁵

Eucaristia — mais do que um rito social

Júlio de Santa Ana fala da comensalidade como uma marca do reino de Deus. À mesa, diz ele, "compartilhamos as lutas e as esperanças, e há um sentimento de união que fortalece a amizade".³⁶ Ele cita R. Martin-Achard para dizer que:

[...] não podemos nos esquecer que a Páscoa se refere a um evento que é, ao mesmo tempo, a migração de um clã de seminômades, a libertação de um grupo de escravos e o

³³ GONÇALVES FILHO, 2007, p. 194.

³⁴ GONÇALVES FILHO, 2007, p. 194.

³⁵ "O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância." JOÃO 10.10. In: BÍBLIA, 2006, p. 154.

³⁶ SANTA ANA, 1986, p. 37.

ato de Deus em favor dos pobres... Esse ato expressa o desejo de Deus de redimir o mundo. Esse ato faz da salvação a primeira e a última palavra de Deus na Bíblia.³⁷

Precisamos aprender com os imigrantes, refugiados e sem-terra como eles comem e o que o reino de Deus quer dizer ao não possuir nada, mas dar tudo. Ao redor dessa refeição, a comida que se come deve ser simples porque teremos que partir em breve. Juntos multiplicamos nossos cinco pães e dois peixes. Lembramos o tabernáculo itinerante no deserto com as tendas nos campos de refugiados, os templos temporários feitos pelos imigrantes no deserto, e a noção de movimentos do santuário.

Ao redor da mesa, Santa Ana nos lembra de quatro coisas importantes: Primeiro, lembramos de Jesus Cristo, que é a razão de comermos juntos. Segundo, nossa fé ao redor da mesa nos ensina o significado da palavra *companheiro*, do latim *cum et panis*, amizade em torno do pão. Terceiro, essa fé ao redor dessa mesa nos ensina que vamos ser discípulos de Jesus e seguir um caminho difícil. Mesmo os discípulos viram o quão duro era ouvir as palavras de Jesus e segui-lo.³⁸ "Muitos dos seus discípulos, tendo ouvido tais palavras, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?"³⁹ Ser um seguidor de Jesus é se engajar na anamnese de Jesus, sua vida e ministério e lutar por um novo mundo que era vivido e pregado por Jesus. Porque a memória de Jesus está devidamente ligada ao testemunho militante do Reino de Deus. Quarto, e último, vamos aprender a sermos gratos, já que a Eucaristia é a encenação da ação de graças.⁴⁰

O compartilhar da comida é o convite e a promessa de amizade, o amor de Deus ao redor da mesa, uma reivindicação de cuidado, amor e partilha. À mesa, encontramos Jesus uns nos outros.

"Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne".⁴¹ Não há espírito senão no corpo; comer e beber, tocar e degustar, sentir e cheirar, todas as sensualidades em volta da mesa; uma fé sentida pelo e no corpo. Comida e bebida são trocas materiais em campos sagrados. Como diz Nancy Cardoso Pereira:

Comer e beber, atos básicos de troca com o mundo: Oikoumene. Comer e beber são representações fundamentais de pertença... A comida revela um modo de ser no mundo, estabelecendo trocas num território ocupado, organiza o trabalho. Comer é fazer da cultura permanência, capacidade de se adaptar e ser criativo. Numa refeição, qualquer refeição, as pessoas participam ritualmente do acesso a todo o processo de produção e reprodução ao mesmo tempo das condições do material, assim como da vida simbólica. Muitas das festas sagradas celebram a colheita e fazem a distribuição da comida e seu consumo. No ritual, através da comida e da bebida da festa, o grupo social se apropria da sua colheita como produto e possibilidade de consumo. Trabalho e festividades.⁴²

Comidas e dietas especiais são exigidas para cada ritual religioso, indicando uma norma a partir da qual a vida se organiza, uma forma de orientar o ciclo da vida desde o plantio das sementes até a colheita, produção, consumo e o novo plantio. É importante estabelecer a relação

³⁷ SANTA ANA, 1986, p. 37.

³⁸ SANTA ANA, 1986, p. 91.

³⁹ JOÃO 6.60. In: BÍBLIA, 2006, p. 148.

⁴⁰ SANTA ANA, 1986, p. 91-93

⁴¹ JOÃO 6.57. In: BÍBLIA, 2006, p. 148.

⁴² PEREIRA, Nancy Cardoso. *A alegria é a prova das nove*. Antropofagia e ecumenismo, 2012. Não publicado.

entre o Pentecoste e a Eucaristia como a celebração das sementes/colheita com a nova vida brotando que será continuada na partilha da comida ao redor da mesa.

Assim, nossa refeição eucarística esquematiza e representa uma forma de sociedade, e as formas pelas quais organizamos o ciclo da vida, quem é parte dele ou não. Lembrar Jesus com pão e vinho, trigo e uva, é lembrar do nosso começo, vindos do *húmus*, cinzas, lembrando que somos guiados pelo ritmo "lento" da terra e não pela correria da pós-modernidade.

Nossa Eucaristia é uma refeição de todos os dias da vida. É nossa comida cotidiana, nossas canecas de café comunitárias, nosso arroz e feijão, a sacramentalidade das nossas vidas.⁴³ Mas a Eucaristia é também uma refeição única que acontece num momento especial, quando nos reunimos com comidas, panos, e símbolos especiais. E estamos no meio dessas duas refeições, alimentando uns aos outros, misturando elementos de ambas as refeições, palavras comuns com palavras especiais, coisas a serem lembradas e outras lembradas aleatoriamente, uma servindo a outra sem qualquer tipo de distinção religiosa, de classe, gênero ou sexual, ou mesmo panos especiais, até que não possamos mais distinguir qual era o especial e qual era o comum, dando a todos a possibilidade da sacramentalidade, o lócus da presença de Deus.

À mesa, o amor cotidiano no passar o pão, o grande afeto ao olharmos nos olhos um dos outros quando recebemos o vinho, a ternura no partilhar da manteiga, a hospitalidade que se expande quando nos apertamos para criar um lugar para quem chega. O inimigo é alimentado, capitalismo transformado em bem comum, amizades descobertas e a fome vira uma coisa do passado. À mesa, a sobrevivência de grupos ameaçados, o compartilhar de velhos símbolos e a criação de outros novos, onde a comida e o ato de comer são parte do mesmo processo erótico/sensual. À mesa, a distinção de comidas de acordo com o grupo social define possibilidades e limites de contato/contágio e maneiras de contorná-los. Uma negociação sem fim para uma vida diversa acontecer. As paredes que separam um grupo do outro tornam-se pontes de ligação e movimentos em direção ao outro. Identidades são marcadas e constantemente reconstruídas. Trocam-se receitas, algumas dão errado até aprendermos, na tentativa de festejar a cozinha global e a comida sacramental de diferentes práticas alimentares. Eu como da sua comida, você come da minha e nós alargamos nosso cardápio, nossos gostos religiosos e nossas habilidades de receber e manter contato com o outro.

Contudo, se a fome permanece ao redor da mesa, se a violência se torna insuportável, a sobrevivência vira forma de vida, e nos afastamos, permitimos que nossa prática do sacramento da eucaristia nos leve de volta ao lugar onde denunciemos a ameaça aos laços sociais da vida que nos mantêm unidos, e permite a deterioração da capacidade de reproduzir os símbolos da vida e de compartilhar o produto do trabalho. Quando as necessidades básicas do corpo não são satisfeitas, a comunidade abraça os corpos frágeis para serem cuidados, tratados, levados para casa, consertados, curados, alimentados, para cantarmos para eles, dançarmos juntos e rirmos até estarmos prontos outra vez para enfrentar os perigos e as alegrias da vida. Amizades para serem honradas! Até o fim! Com perdão que nunca para de ser oferecido e permite que a vida seja vivida outra vez, a qualquer tempo.

Quando o bispo de São Félix do Araguaia (MT), Pedro Casaldáliga, foi chamado ao Vaticano para sua visita *ad limina* regulamentar, as teologias de libertação estavam no seu auge na América Latina. Na sua entrevista com a Congregação para a Doutrina da Fé, da qual Joseph

⁴³ BOFF, Leonardo. *Sacraments of Life: Life of the Sacraments*. Portland: Pastoral Press, 1987.

Ratzinger era o Prefeito, o bispo foi acusado de celebrar a Eucaristia como um rito meramente social. Sua resposta:

Duvido que eu possa ser acusado desse reducionismo. Precisamente, tenho o costume de explicar a missa dizendo 'Páscoa de Jesus, nossa Páscoa, Páscoa do mundo.' Morte e vida, paixão e ressurreição. Quando introduzo o anfitrião à congregação eucarística, digo: 'eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.' Falamos sobre a paixão, morte e ressurreição de cada um de nós e do povo, com certeza. É a razão pela qual temos a Eucaristia. Para que houvesse vida, Cristo nos deu a sua própria vida. Tradicionalmente, a igreja nos faz repetir durante o ofertório: 'fruto da terra e do trabalho do povo.' Há algo de social nessa terra e nesse trabalho. Eu lhes lembrei da Missa da Terra sem Males, da Missa dos Quilombos, que o Vaticano proibiu, e tentei defendê-las. Conteí ao Cardeal Gantin, da África, da importância da Missa dos Quilombos por causa dos negros e quanto custou à igreja se inculturar, e eu reivindico o direito das outras culturas do nosso terceiro mundo.⁴⁴

Invoco o mesmo argumento do Bispo Casaldáliga para dizer que não quero que o sacramento seja "meramente" um rito social. Ele é muito mais do que isso. Usando a questão de Agostinho nas suas Confissões: "O que amo quando amo meu Deus", eu espero que todos à mesa se perguntem: *De quem nos lembramos quando relembramos de Jesus na sua ceia?* Quem está lá? Não rememoramos um fantasma, mas a presença real de Jesus Cristo, rasgado, espancado, ridicularizado, violentado, crucificado numa cruz de vergonha. E lembramos daqueles que continuam sendo rasgados, espancados, ridicularizados, violentados e crucificados em cruzes contemporâneas de vergonha, opressão, fome e invisibilidade social. E *"Falamos sobre a paixão, morte e ressurreição de cada um de nós e do povo, com certeza."* Então honramos a Cristo como honramos uns aos outros. Tiramos uns aos outros das cruzes da nossa sociedade e no nome de Jesus, honramos os despossuídos com alegria.

Ao redor dessa mesa, nem comida nem teto são privilégios. São direitos! Dados por Deus! Os movimentos populares no Brasil afirmam o seguinte: "se ter uma casa é um direito, ocupar uma é um dever." Portanto, ocuparemos todas as mesas eucarísticas, todas as mesas dos clubes da elite, todas as mesas privadas que não dividem sua comida, para que todos tenhamos o que comer! Ser solidário com o pobre não é só ficar do seu lado, mas se engajar nos movimentos de justiça e transformação. Ocupemos todas as mesas ao redor do mundo exigindo comida para todos, para que todos sejam alimentados pela graça de Deus!

Conclusão

Foi a poeta e escritora ucraniana-brasileira Clarice Lispector quem disse que pão é amor entre estranhos. Comer juntos e alimentar uns aos outros quebra as amarras do ódio e constrói conexões de apoio e força. Lispector escreve:

Era reunião de colheita, e fez-se trégua. Comíamos. Como uma horda de seres vivos, cobríamos gradualmente a terra. Ocupados como quem lavra a existência, e planta, e colhe, e mata, e vive, e morre, e come. Comi com a honestidade de quem não engana o que come: comi aquela comida e não o seu nome. Nunca Deus foi tão tomado pelo que Ele é. A comida dizia rude, feliz, austera: come, come e reparte. Aquilo tudo me pertencia, aquela era a mesa de meu pai. Comi sem ternura, comi sem a paixão da piedade. E sem me oferecer à esperança. Comi sem saudade nenhuma. E eu bem valia aquela comida.

⁴⁴ CASALDÁLIGA Pedro. *Cartas Marcadas*. São Paulo: Paulus, 2005. p. 27.

Porque nem sempre posso ser a guarda de meu irmão, e não posso mais ser a minha guarda, ah não me quero mais. E não quero formar a vida porque a existência já existe. Existe como um chão onde nós todos avançamos. Sem uma palavra de amor. Sem uma palavra. Mas teu prazer entende o meu. Nós somos fortes e nós comemos. Pão é amor entre estranhos.⁴⁵

Não deveríamos nem mesmo precisar que Deus nos ordenasse que oferecêssemos e dividíssemos nossa comida. Mas porque Deus sabia que não somos inclinados a fazê-lo, Deus enviou a si mesmo em Jesus para nos dizer o que é ser humano. Em Jesus, nossos desejos são compreendidos e nossas necessidades satisfeitas. Através de Jesus, nosso amor compartilhado conhecerá os prazeres e as necessidades do outro, e seguiremos adiante, juntos. Não importa se você é como eu, se acredita em outra coisa, se foi batizado ou não, ou sequer se vem de outra religião. A mesa eucarística é um espaço para essa reunião comunitária radical, essa comunhão global no *oikos* de Deus, ajuntando estranhos sob esse mesmo estranho amor incondicional de Deus que ama a todos nós e nos dá meios para que possamos prover uns aos outros. Porque a providência de Deus só acontece no e através do outro. A itinerância do amor de Deus ultrapassa nossas teologias e crenças adequadas. Uma coisa podemos afirmar: o amor de Deus é pão, e vinho, entre estranhos, comida para a fome material e espiritual. A Eucaristia é uma refeição completa, preparada por todos que vieram até que sejamos incapazes de distinguir os nomes do que é a comida da despensa e o que é da ceia eucarística: comi aquela comida, e não seu nome. Nunca Deus foi tão consumido por aquilo que Deus é....

À mesa, damos glória a Deus, amando a Deus e nossos próximos com honra e bênçãos. Esse ato de honrar uns aos outros conforme a opção preferencial de Deus pelos pobres nos ajuda a desmontar os sistemas de morte e fortalecemo-nos para lutar contra os sistemas de injustiça. As refeições sagradas na nossa sociedade são como faróis para os navios em alto mar, iluminando e guiando, anunciando um lugar para todos os que foram excluídos das nossas sociedades. Na e através da oração eucarística, vivemos o evangelho de Jesus Cristo na sua plenitude.

Lembramo-nos que estamos comprometidos com uma fé que é ação! Não aceitamos a fé consumista, não transformamos a cruz de Jesus em pirulitos, mas usamos essa cruz para fortalecer nosso trabalho! Dividimos nossos recursos, certificando-nos que todos que estão ao redor da mesa têm um teto e assistência médica. Exaltamos os nomes das mulheres violentadas pelo mundo, temos nossas crianças brincando ao nosso redor, tratamos das feridas e das necessidades dos outros, dançamos e celebramos. Coletamos as lágrimas uns dos outros e juntos as oferecemos a Deus. Assumimos nossas responsabilidades e transformamos a magra ceia num banquete para todo aquele que tem fome.

E na placa à porta da igreja, anunciamos essa refeição sagrada assim:

Venham para a refeição de hoje, preparada para você. Venha sem dinheiro ou certificado de batismo válido. Hoje haverá uma refeição santa, oferecida por Jesus Cristo para quem vier. Os que estiverem com fome terão assentos preferenciais e comerão primeiro: os pobres, os anônimos, os sem documentos, os estrangeiros, os feridos, os esquisitos, as mulheres, as crianças, os mendigos, todos os que não tiverem plano de saúde, os desempregados, os que não têm onde dormir. Se você tiver outra forma de fé, ensine-nos a orar a sua oração e venha comer conosco! Mas cuidado! Se você participar, deverá dividir aquilo que tiver, para que ninguém fique com fome. Essa é a regra do nosso criador, libertador e consolador. É preciso que isso esteja bem claro! E se

⁴⁵ LISPECTOR, Clarice. *A Repartição dos Pães*. Disponível em: <www.releituras.com/clispector_paes.asp>. Acesso em: 28 jul. 2015.

você chamar a polícia porque estamos fazendo algo assustador, a polícia será bem-vinda também! Mas antes de entrar, vá e traga com você todos os mendigos das nações! Sobretudo, vá e traga aqueles que ninguém vê, aqueles que são humilhados na nossa sociedade, porque deles, deles é essa mesa e o reino de Deus! Por favor, traga-os com você! Sem eles, não ficaremos bem. Estranhos, todos nós somos estranhos! E essa mesa tem pão para ser dividido entre estranhos! Todos nós humanos/terra/húmus, vivendo humildemente. Todos pertencemos a Deus e, mesmo se você não quiser pertencer a Deus, venha também! Traga as crianças e os idosos. Vamos esperar até que eles cheguem. Deixe o som das crianças ser o nosso primeiro grito de glória! Deixe as vozes pequeninas dos idosos invocar Deus no meio de nós! No nome de Jesus, o banquete de Deus está agora aberto para os famintos, para todos que sabem que precisamos ficar juntos nas nossas diferenças e complexidades! Nossa missão é cozinhar e servir você. Mas ficaremos contentes em usar os seus temperos, e você pode cozinhar para nós também, se quiser. Vamos orar uns as orações dos outros, cantar as canções uns dos outros, abraçaremos os seus filhos e filhas e ouviremos suas histórias. Em meio a coisas santas e coisas que ainda hão de ser santificadas, comemos, até fazermos do mundo uma terra santa de justiça onde todas as pessoas são consideradas santas, feitas à imagem de Deus, com dignidade e honra! Glória a Deus! Somos gratos, amigos! Somos gratos!

Referências

A PLACE at the Table. Produção de Kristi Jacobson e Lori Silverbushpor. New York, Magnolia Pictures, 2012. 1 DVD. Livro: PARTICIPANT MEDIA; PRINGLE, Peter (Ed.). *A Place at the Table: The Crisis of 49 Million Hungry Americans and How to Solve It*. New York: PublicAffairs, 2013.

ALEXANDER, Michelle. *The New Jim Crow: Mass Incarceration in the Age of Colored blindness*. New York: New Press, 2011.

BETTO, Frei. Eucaristia e Socialismo. IN: BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. *Mística e espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BÍBLIA de estudo Almeida. 2. ed. rev. atu. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

BOFF, Leonardo. *Sacraments of Life: Life of the Sacraments*. Portland: Pastoral Press, 1987.

CARVALHO, Igor. *O fogo contra as favelas*. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/blog/2012/06/o-fogo-contra-as-favelas/>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

CASALDÁLIGA Pedro. *Cartas Marcadas*. São Paulo: Paulus, 2005.

DIDACHE: The Teaching of the Twelve Apostles. Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/didache-lake.html>>. Acesso em: 29 jul. 2015. Capítulo 4.

FOOD NOT BOMBS: defend our rights. Disponível em: <http://www.foodnotbombs.net/fnb_resists.html>. Acesso em: 28 jul. 2015.

GONÇALVES FILHO, José Moura. *Humilhação Social: Humilhação Política*. In: PAULA SOUZA, Beatriz de (Org.). *Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

HENSON, David R. *Criminalizing Christ: The Love Wins Incident and the Nationwide Targeting of Homeless*. Disponível em: <<http://www.thegodarticle.com/state/-criminalizing-christ-the-love-wins-incident-and-the-nationwide-targeting-of-homeless>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

Informação coletada na palestra de Nancy Cardoso Pereira, “Empire and religion: gospel, ecumenism and prophecy for the 21st century,” proferida na IX Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas. Brasil, fevereiro de 2006. Não publicada.

LISPECTOR, Clarice. *A Repartição dos Pães*. Disponível em: <www.releituras.com/clispector_paes.asp>. Acesso em: 28 jul. 2015.

O CIDADAO RJ – o portal de notícias da Região dos Lagos. *Araruama: Igreja investe dízimos e ofertas na construção de casas para membros sem moradia*. Disponível em: <<http://ocidadaorj.com.br/site/2013/08/22/igreja-investe-dizimos-e-ofertas-na-construcao-de-casas-para-membros-sem-moradia/#ixzz2dNBWZKKJ>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

PEREIRA, Nancy Cardoso. *A alegria é a prova dos nove*. Antropofagia e ecumenismo, 2012. Não publicado.

Saint Basil apud BALASURIYA, Tissa. *The Eucharist and Human Liberation*. Eugene: Wipft&Stock, 2004.

SANTA ANA, Julio de. *Pão, vinho e amizade: meditações*. Rio de Janeiro: CEDI, 1986.

São Crisóstemo apud BALASURIYA, 2004.

São Bernardo apud BALASURIYA, 2004.

SHATKIN, Elina. *Behind the Kitchen Door: ROC-LA Report Reveals Restaurant Industry Inequality*. Disponível em: <[http://blogs.lawweekly.com/squidink/2011/02/behind the kitchen door roc-la report reveals restaurant industry inequality.php](http://blogs.lawweekly.com/squidink/2011/02/behind_the_kitchen_door_roc-la_report_reveals_restaurant_industry_inequality.php)>. Acesso em: 28 jul. 2015.

Snyder, Howard N. and Mulako-Wangota, Joseph. Agência de Estatísticas Judiciárias. Washington Press, 2013

SOCIALISM. In: PARKER, Martin; FOURNIER, Valérie; REEDY, Patrick (Org.). *The Dictionary of Alternatives*. London and New York: Zed Books, 2007.

THE NATIONAL COALITION FOR THE HOMELESS; THE NATIONAL LAW CENTER ON HOMELESSNESS & POVERTY. *A Place at the Table: Prohibitions on Sharing Food with People Experiencing Homelessness*. Disponível em: <[http://nationalhomeless.org/publications/foodsharing/Food Sharing 2010.pdf](http://nationalhomeless.org/publications/foodsharing/Food_Sharing_2010.pdf)>. Acesso em: 28 jul. 2015.

UM MUNDO de ação, transformação e filosofia na prática. Entrevista com Frei Betto. [16 jun. 2013]. Rádio CBN, Rio de Janeiro, 16 jun. 2013. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/programas/caminhos-alternativos/2013/06/15/UM-MUNDO-DE-ACAO-TRANSFORMACAO-E-FILOSOFIA-NA-PRATICA.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

WOLFF, Richard. *Fighting for Economic Justice and Fair Wages*. Disponível em: <<http://billmoyers.com/segment/richard-woff-on-capitalisms-destructive-power/>>. Acesso em: 28 jul. 2015.